

**A ATUALIDADE DAS IDEIAS SOCIALISTAS: POR UMA MUDANÇA DE
ESTRATÉGIA**
A SOCIALIST IDEAS NEWS: FOR A CHANGE STRATEGY

Rodrigo Holanda Barbosa¹

Resumo

Por meio de uma análise da conjuntura atual do nosso país, que encontra-se em meio à uma crise que alastra-se desde 2008, delinco as concepções de duas estratégias, a “conquista do Estado”, e a “destruição do Estado”, identificando por meio de um arcabouço teórico de autores estadistas/autoritários, mostro a primeira como a que obteve a adoção geral da maioria da esquerda reformista, ou mesmo da minoria Marxista que supõe uma supressão estatal. Relaciona-se então os desfechos atuais da pacificação da revolta oprimida e aparelhamento dos instrumentos de luta com tal estratégia e propõe-se por meio do contraponto embaçado no arcabouço teórico de autores abstencionistas/autonomistas a experimentação da segunda estratégia pela classe dominada, ao tentar raciocinar sob a premissa da coerência entre meios e fins. São descritas as duas estratégias para que fique claro as suas diferenças, que começam a princípio de suas bases ideológicas, exemplificado no presente artigo por meio da categoria da autonomia.

Palavras-chaves: Estado. Socialismo. Atualidade. Anarquismo. Marxismo.

Abstract

Through an analysis of the current situation of our country, which is in the midst of a crisis that spreads up since 2008. I outline the views of two strategies, the "State conquest", and the "destruction of the State" identifying through a theoretical framework of statesmen/authoritarian authors, show the first and that obtained the widespread adoption of most of the reformist left, or even the Marxist minority that assumes a state suppression. Then relates the current outcomes of the pacification of the oppressed revolt and equipment of instruments to fight with such a strategy, and it is proposed through the fogged counterpoint in the theoretical framework of abstainers authors/autonomist experimentation of the second strategy for the dominated class, to try to reason under the premise of consistency between means and ends. The two strategies to make clear their differences are described, beginning in the beginning of their ideological bases, exemplified in this article through the autonomy category.

Keywords: State. Socialism. Today. Anarchism. Marxism.

¹ É graduando no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, colaborador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitualidade e Violência (COVIO) e militante em movimentos sociais de Fortaleza. Orientador: Geovani Jacó de Freitas, doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2002). Atualmente, é professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, nos cursos de Bacharelado e de Licenciatura em Ciências Sociais e do Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade (MAPPS/UECE).

A conjuntura

A atual crise que economicamente vem alastrando-se desde 2008, ou mesmo antes, de certo, hoje encontra-se em um de seus picos e exerce tremenda força motora 7 anos depois. Sem dúvidas, a expansão do crédito nos governos do Partido dos Trabalhadores remediou por um momento a carga pesada dela, porém como toda dívida tem que ser paga um dia, parece-me que estes dias chegaram. A política capitalista, não importando a cor partidária, sempre foi a da externalidade do pagamento dessa conta, onde aos trabalhadores competem pagar com seu suor e sofrimento.

Desde modo o cenário hoje é de profundos cortes no orçamento público, compreendendo assim cortes de nossos direitos mais básicos e os serviços públicos mínimos cada vez mais precarizados, enquanto os lucros das empresas e bancos² tornam-se os maiores da história, por conseguinte, as desigualdades sociais se elevam em tamanho tal qual as cifras gigantescas dos lucros desses senhores.

Com um governo de frente popular, que pratica uma política de aliança de classes, promovendo assim o apaziguamento da rebeldia antissistema da classe oprimida, a institucionalização da luta e as distorções das ideias socialistas, a classe encontra-se hoje desmobilizada, desunida, ao que parece, desaprendeu inclusive os caminhos da luta.

Falta-nos hoje as energias revolucionárias que geralmente são obtidas nessa conjuntura crítica, prova disso é a vigente “onda conservadora” que desperta o cadáver da extrema direita. Energias que podem ser encontradas novamente nos princípios que torna o anarquismo uma teoria política específica, sua coerência entre meios e fins. Devemos dar assas a resistência revolucionária que luta todos os dias contra esse sistema, ela que durante muito tempo foi aprisionada nas opressões sobre a classe e portanto sobre as diversas minorias que a compõem.

A política eleitoral e os princípios de hoje

O ideário atual é de uma hegemonia socialdemocrata na auto dita “esquerda” brasileira, com um caráter extremamente “pelego”. A maioria das organizações, está voltada para o ilusório jogo das eleições burguesas, conciliando seu nome, ao que há de mais podre no estado: Os políticos, essa corja burocrata, pacifista que promove um

²Globo. Lucro do Itaú sobe para R\$ 5,9 bilhões no 2º trimestre de 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2015/08/lucro-do-itaú-sobe-para-r-59-bilhoes-no-2-trimestre-de-2015.html> (Acesso em 25 Set. 2015.)

parasitismo tão desprezível quanto o da burguesia financeira, proporcionalmente quanto maior for o tamanho da máquina estatal.

Porém esse retrato das organizações não poderia ser mais marxista, sob a ilusão da “instrumentalização” do estado burguês, pelo pretexto da utilização da “esfera da organização e propaganda”, elas se perdem e giram todos os seus esforços nesse sentido, que não é mais do que reproduzir e sustentar com “cuspe” as ruínas dos pilares da sociedade capitalista, que deveriam pelo contrário, estarem prontos a ser explodidos.

Para utilizar as palavras do programa marxista francês, transformaram o direito de voto, *de moyen de duperie qu'il a été jusquici, en instrument d'émancipation* — de um meio de logro que tinha sido até aqui, em instrumento de emancipação.

Na própria introdução do livro: “A Luta de Classes em França: de 1848 à 1850” de Karl Marx e Friedrich Engels dá as bases ao que foi falado:

“Viu-se que as instituições estatais em que a dominação da burguesia se organiza ainda oferecem mais possibilidades através das quais a classe operária pode lutar contra essas mesmas instituições estatais. [...] A rebelião de velho estilo, a luta de ruas com barricadas, que até 1848 tinha sido decisiva em toda a parte, tornou-se consideravelmente antiquada”³ (ENGELS, 1895).

O novo estilo, seria o estilo das últimas décadas e também atual, ou melhor, reforça o que disse nas primeiras linhas desse ponto do texto, a hegemonia reformista, socialdemocrata, que por dentro dos partidos, reforça lógicas competitivas e por funcionarem hierarquizados, ou centralizados, lógicas também de dominação (seja, por exemplo de uma coligação por outra), ou ainda reforça à extensa burocracia do trabalho legalista. Já dizia Engels:

“Mas, aconteça o que acontecer noutros países, a socialdemocracia alemã tem um lugar especial e conseqüentemente, pelo menos para já, também uma tarefa especial. Os dois milhões de eleitores que envia às urnas, juntamente com os jovens e as mulheres que, não votando, se encontram por detrás deles, constituem a massa mais numerosa, mais compacta, a “força de choque” decisiva do exército proletário internacional.”⁴ (ENGELS, 1895)

Ao analisar a história do Chile, podemos encontrar um conjunto rico que pode nos servir como orientação. O que essa história nos diz e como se deu os rumos

³ ENGELS, Friedrich. Introdução. In *As lutas de classes em França: de 1848 a 1850*, 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

⁴ Idem.

póstumos de uma inesperada eleição de um presidente socialista em 1970? Podemos entender uma coisa, o fascismo velado ao qual os liberais defendem como “democracia”, servirá para defender o status quo, até mesmo se precisar pôr em contradição seus próprios valores “democráticos”:

“Seu programa para uma transição pacífica e parlamentar para o socialismo, viu-se submetido desde o nascimento a condições paralisantes, já que, se quisesse sobreviver, o governo da Unidade Popular tinha de permanecer dentro do quadro das instituições burguesas e respeitar o sistema constitucional que lhe havia permitido ascender ao poder. “A legalidade é minha força”, Allende teria declarado, mas era também sua fraqueza...”⁵ (BETHELL, 1994).

O fato é, seja para “agitação e propaganda”, ou para uma “transição pacífica para o socialismo” há diversas provas de que a tática da conquista do Estado não está dando certo, muitas vezes atinge graus reacionários por promover o efeito contrário, a perpetuação do sistema capitalista. Nós oprimidos cada vez mais nos damos conta que precisamos de meios coerentes para chegarmos em nossos fins. É sob essa premissa de coerência entre meios e os fins que mostrarei mais adiante como dá-se um outro tipo de tática, a destruição do Estado.

Mais sobre o estado

A moral do sistema é liberal, e está sendo construída no Brasil desde o governo de Collor, quando o mesmo, introduziu a competição no mercado e quebrou os vícios de proteção da burguesia, que vem dos governos protecionistas de Vargas e da ditadura militar. Seus princípios são selvagens, oriundos de uma lógica sistêmica predatória, um grande egoísmo, individualismo e uma grande ambição, são certamente provenientes da instituição mercado. Você precisa ganhar, à todo custo, mesmo que signifique que outro há de perder! Prova mais que suficiente são os recentes casos de corrupção que mostraram um aumento. O único modo de solução desses problemas, não é a imposição de outra moral, mas sim a construção de uma ética revolucionária desde já, vinda de baixo, baseada na consciência de classe, na fraternidade e solidariedade entre os trabalhadores, e em valores antiautoritários, pelo fim de toda forma de dominação/opressão de raça, gênero e sexualidade, mediante a destruição de todos os pilares capitalistas e a construção de novos, estes que nos sirvam de verdade. Ora pois,

⁵ Bethell, Leslie. História da América Latina: A América Latina após 1930: Estado e Política. Trad. Antonio de Pádua Danesi – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

não podemos parar o processo dialético, portanto, enquanto sustentarmos pilares burgueses ou valores burgueses (como o centralismo), esses pilares estarão reproduzindo sua lógica. Por meios racistas não conquistaremos o fim do racismo, por meios machistas não conquistaremos o fim do patriarcado e do machismo, assim só conquistaremos mais dominação/opressão caso usarmos do Estado falsamente como “o proletariado organizado como classe dominante”⁶. Será no máximo opressão de parte do proletariado sobre o proletariado.

Os estadistas proliferam, contraditoriamente, uma falsa supressão do Estado, que depois de centralizar, meios de produção, serviços públicos e toda uma cadeia de poder só se tornaria mais forte:

“[...] Portanto, longe de querer a abolição do Estado (voltamos a acrescentar: ou da administração pública, para aqueles que se assustam com a palavra “Estado”), cremos que as atribuições do Estado serão consideravelmente mais numerosas no futuro” (PAEPE, 1872).

Claro, houveram avanços inegáveis ao combate à miséria e a fome nos últimos anos, principalmente pelo Programa Bolsa Família, mesmo que seja uma forma remediável de combate e que sua construção remeta possivelmente à uma necessidade dominante de crescimento do mercado nacional pelo consumo da classe dominada. Marx argumentaria à favor de sua tática:

“Ao impor essas leis, a classe trabalhadora não fortalece o poder governamental. Ao contrário ela transforma esse poder, que hoje é usado contra ela, em seu próprio benefício. Ela realiza por um ato geral aquilo que uma multidão de indivíduos isolados não conseguiria realizar”⁷ (MARX, 1866).

Compreendo que não há como separar o Estado de todo as interligações que circundam o capitalismo, ele por definição é aparelho de dominação e opressão, mesmo que seja submissão de uma parte do proletariado sob o proletariado. Por que não deixemos que os “sábios”, pastores das massas, “os guias” percam-se na história, como os iluminados da confederação dos iguais, os jacobinos ou mesmo os bolcheviques?

“[...] pensamos que a política do proletariado deve ser uma política revolucionária, voltada direta e unicamente à destruição dos Estados. Não vemos como seja possível falar de solidariedade internacional e, no entanto, querer preservar os

⁶ LENIN. O Estado e a revolução. 1918 In: LENIN. Obras Completas. Moscou: Progresso, s/d p. 28

⁷ MARX, Karl. *Instructions for delegates of the provisional general council. The different questions*, Genebra, Suíça, 1866.

estados [...] porque o estado, por sua própria natureza, é uma ruptura daquela solidariedade e, portanto, uma permanente causa de guerras. Tampouco podemos conceber como seja possível falar de liberdade do proletariado ou de emancipação real das massas no interior e por intermédio do estado, Estado significa domínio, e todo domínio envolve subjugação das massas e, por conseguinte, sua exploração por uma mesma minoria dominante. Não aceitamos, mesmo no processo de transição revolucionária, quaisquer formas de governos provinciais ou das assim chamadas ditaduras revolucionárias, pois estamos convencidos que a revolução só é sincera, honesta e real nas mãos das massas e que, ao se concentrar nas mãos de uns poucos indivíduos governantes, ela se converte inevitavelmente em reação”⁸ (BAKUNIN, 1872)

Entravamos aqui como prometi, o embate clássico que perfeitamente encaixa-se na política atual, delineando o concreto deste trabalho. Entre a “Conquista dos Estados”, forma padrão de nossa conjuntura brasileira, versus a “Destruição dos Estados”, que mostra-se alternativa diante das recentes barreiras de uma consciência reificada das sociedades afluentes, que vão além de um simples processo de alienação e fetichismo. No mínimo, o sensato teria cuidado com os perigos que envolve a primeira forma e o coerente não buscaria um novo Estado depois da destruição de sua forma mais moderna, o Estado burguês:

“Mas no estado popular de Marx, como nos é dito, não haverá nenhuma classe privilegiada. Todos serão iguais, não apenas do ponto de vista jurídico e político, mas também econômico. [...] Não haverá mais, portanto, nenhuma classe privilegiada, mas haverá um governo e, notem bem, um governo extremamente complexo, que não só se contentará com governar e administrar as massas politicamente, como o fazem todos os governos atualmente, mas que também as administrará economicamente, concentrando nas suas mãos a produção e a justa repartição de riquezas, o cultivo de terras, o estabelecimento e o desenvolvimento das fábricas, a organização e a direção do comércio e por fim, a aplicação do capital à produção da parte de um único banqueiro: o estado. [...] Será o reino da inteligência científica, o mais aristocrático, o mais despótico, o mais arrogante e o mais odiado de todos os regimes. Haverá uma nova classe, uma nova hierarquia de cientistas e eruditos reais e fictícios, e o mundo será dividido numa minoria governando em nome do saber e uma imensa maioria ignorante. [...] Todo

⁸ Bakunin, Mikhail A. *A letter to the editorial board of la liberte*, em Arthur Lehning(org.). *Mikhail Bakunin: Selected Writing*, cit., p. 236-7, 1872.

estado, mesmo o mais republicano e mais democrático [...] é, em essência, uma mera máquina a governar as massas de cima, mediante uma minoria inteligente e, portanto, privilegiada, supostamente conhecedora dos interesses do povo mais que o próprio povo”⁹ (BAKUNIN, 1950).

Um grito de autonomia

Quando discutimos Estado, logo vem à tona um princípio revolucionário fundamental: Autonomia. O que é um mundo revolucionário sem autonomia? O que seria uma organização dos trabalhadores sem autonomia dos próprios trabalhadores?

Nada, certamente. Porém o que nos vemos no momento, nas atuais organizações da “esquerda”, são atos ameaçadoramente dirigidos ao ponto das palavras de ordem, serem coordenadas por panfletos. Vemos ainda antiquados intelectuais que julgam-se os sábios, iluminados seres que devem levar os pobres ignorantes de uma população à sua emancipação, assim como Babeuf pensava sobre a confederação dos iguais em 1796, um pensamento que já deveria ter sido superado, mas sua reprodução é reflexo fundamental para entender as duas táticas.

Não é difícil de compreender, que não pode haver autonomia diante de um centralismo político em torno de uma minoria, assim como não pode haver igualdade, diante de um centralismo econômico de uma minoria que acumula capital. Esse tipo de ideologia, que pode passar por cima da autonomia democrática, por si só já é a negação da liberdade e da igualdade. A Ideia Marxista/ Blanquista de criar um “partido internacional” centralizado e disciplinado sob o comando de poucos é de longe uma afronta à consciência de nós trabalhadores, é sim, uma medida que busca introduzir uma autoridade, hierarquia, dirigismo e governismo contra a nossa consciência. Como fez o Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, quando a resolução IX deu amplos poderes para uma “rígida observação dos princípios e estatutos”¹⁰, podendo agora expulsar seções ou membros e que assim o fez com James Guillaume. O fato é que tudo o que um tirano mais gosta é a centralidade de seu poder.

Marx viu que em todas as revoluções havia uma minoria que dirigia em favor dessa minoria. Então Engels pergunta na Introdução do livro a luta de classes na França: “Não seria esta precisamente a situação em que uma revolução tinha de triunfar,

⁹ Bakunin, Mikhail A. *Marxism, Freedom and State*, Londres, 1950. P.21

¹⁰ MUSTO, Marcelo. *Trabalhadores, uni-vos: antologia da I internacional*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2014. P.66

dirigida, na verdade, por uma minoria, mas desta vez não no interesse da minoria, mas no interesse mais verdadeiro da maioria?”¹¹ Por que diabos a maioria não pode ter autonomia e autogerir-se horizontalmente pelos interesses que diz respeito à ela? Uma coisa que aprendi, é que não podemos subestimar o povo e seu conhecimento, pois “Cada maloqueiro tem um saber empírico”¹² (Criolo Doido, 2014).

Referências Bibliográficas

BAKUNIN, Mikhail A. *A letter to the editorial board of la liberte*, em Arthur Lehning(org.). *Mikhail Bakunin: Selected Writing*, 1872.

BAKUNIN, Mikhail A. *Marxism, Freedom and State*, Londres, 1950.

BETHELL, Leslie. *História da América Latina: A América Latina após 1930: Estado e Política*. Trad. Antonio de Pádua Danesi – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GLOBO. Lucro do Itaú sobe para R\$ 5,9 bilhões no 2º trimestre de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2015/08/lucro-do-itaú-sobe-para-r-59-bilhoes-no-2-trimestre-de-2015.html> (Acesso em: 25 Set. 2015.)

MARX, Karl. *Instructions for delegates of the provisional general council. The diferente questions* - Genebra, Suíça, 1866.

MARX, Karl. Carta ao conselho federal espanhol da associação internacional dos trabalhadores, 1871.

MARX, Karl. *As lutas de classes em França: de 1848 a 1850*, 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MUSTO, Marcelo. *Trabalhadores, uni-vos: antologia da I internacional*. Tradução Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2014.

¹¹ MARX, Karl. *As lutas de classes em França: de 1848 a 1850*, 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

¹² Música “Esquiva da esgrima” do Rapper Criolo Doido, nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes. Gravado por Daniel Ganjaman no estúdio El Rocha em São Paulo, Brasil. Mixado por Mario Caldato no MCJ Studio em Los Angeles, USA.